

# RECONFIGURAÇÕES POÉTICAS EM AMBIENTES MULTICÓDIGOS: TENDÊNCIAS SÍGNICAS DO POEMA LIRA ITABIRANA NO YOUTUBE

*Data de submissão: 31/10/2023*

*Data de aceite: 01/12/2023*

### **Ana Paula Figueiredo Guedes Delage**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Juiz de Fora / MG  
<http://lattes.cnpq.br/0898684232124849>

### **Francisco José Paoliello Pimenta**

Universidade Federal de Juiz de Fora –  
Juiz de Fora / MG  
Juiz de Fora / MG  
<http://lattes.cnpq.br/2368585419362246>

**RESUMO:** Apoiando-se nas teorias semiótica e pragmática desenvolvidas por Charles S. Peirce (1834-1914), pretende-se verificar como textos poéticos se adaptam às modalidades informativas de ambientes multicódigos. Na observação dos processos de significação propiciados pelos signos em questão, baseia-se nos conceitos de genuinidade e degenerescência sígnica para relacionar as peculiaridades deste tipo de comunicação e as influências das ferramentas digitais utilizadas em conjunto com poemas. Como recorte, publicações na plataforma *YouTube* do poema Lira Itabirana, de Carlos Drummond de Andrade, permitem a discussão sobre as posturas representativas que os conteúdos poéticos podem assumir nas interações virtuais,

tomando como objeto das representações os rompimentos das barragens de minério de ferro nas cidades mineiras de Mariana (2015) e Brumadinho (2019).

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação poética. Ambientes multicódigos. Degenerescência sígnica.

### POETIC RECONFIGURATIONS IN MULTICODE ENVIRONMENTS: SIGN TRENDS OF THE POEM LIRA ITABIRANA ON YOUTUBE

**ABSTRACT:** Based on the semiotic and pragmatic theories developed by Charles S. Peirce (1834-1914), it is intended to verify how poetic texts adapt to the informative modalities of multicode environments. In the observation of the signification processes provided by the signs in question, it is based on the concepts of genuineness and sign degeneration to relate the peculiarities of this type of communication and the influences of the digital tools used in conjunction with poems. As a cut, publications on the YouTube platform of the poem Lira Itabirana, by Carlos Drummond de Andrade, allow the discussion about the representative postures that the poetic content can assume in virtual interactions, taking as the object of

representations the ruptures of iron ore dams in the cities miners from Mariana (2015) and Brumadinho (2019).

**Keywords:** Poetic communication. Multicode environments. Signal degeneration

## 1 | INTRODUÇÃO

Textos poéticos podem ser encontrados de diversas maneiras no ambiente digital. No caso de publicações na plataforma YouTube do poema Lira Itabirana, de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, as representações apresentam o texto de forma escrita, digitado, estático na tela ou sendo apresentado por partes; em formato de áudio, recitado ou cantado; compondo figuras e imagens (o texto em uma folha de jornal, por exemplo). Além disso, é veiculado na íntegra ou particionado (em frases, versos, refrões); exclusivo nas publicações ou integrando-se a outro texto, em destaque ou inserido no meio do novo conteúdo.

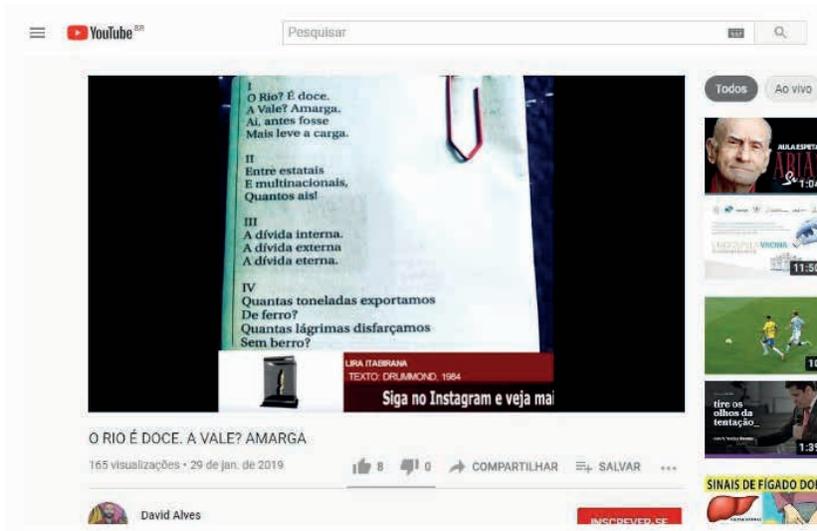


Figura 1 – Exemplo de publicação no poema Lira Itabirana no YouTube.

Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka61CJ6aSYE>.

Reapresentados com vieses diferentes do momento em que foram criados e à revelia das intenções de seus criadores, poemas, letras de músicas, frases filosóficas e outros textos literários adentram por diversas frentes e maneiras no mundo de mensagens virtuais para informar, persuadir e até criar debates públicos a partir da discussão de pontos de vista. Este tipo de comunicação, caracterizada como *poética* por Pignatari (1981) e Eco (1991), reúne aspectos sensíveis, ambiguidades e indeterminações, diferentemente das práticas informativas e de diálogo tradicionais. Além de carregar certo peso cultural derivado de sua criação literária. Suas especificidades estimulam diferentes processos de representação,

não somente relacionados a seus contextos iniciais, correntes de pensamento e sobre o autor da composição. Os novos fluxos e ferramentas dos ambientes multicódigos (PIMENTA, 2016) reconfiguram a referencialidade do conteúdo, desvinculando-o da conjuntura original dos textos para vincular-se a outros significados e situações.

Considerando conceitos da teoria semiótica e do Pragmaticismo propostos por Charles Sanders Peirce (1843-1914), pretende-se evidenciar os caminhos de atualizações dos conteúdos poéticos compartilhados em ambientes *online*. Em face da multiplicidade de signos e influências nas interações encontradas, com o apoio do estudo de Buczyńska-Garewicz (1971) sobre degenerescência e genuinidade sógnica, busca-se compreender em que medida esta prática, de reconfiguração de textos associados a ferramentas e recursos digitais das redes, resultam em efetividade comunicacional na representação de seus objetos.

Devido ao grande número de compartilhamentos após os rompimentos das barragens de minério ocorridos no distrito de Bento Rodrigues, cidade de Mariana (2015) e/ou Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais, o poema *Lira Itabirana* foi escolhido como *corpus* da investigação que se segue<sup>1</sup>. Seja através da inclusão dos versos do poema junto a imagens e sons dos crimes ambientais, ou mesmo a simples menção do título do poema e de Drummond a conteúdos relacionados aos fatos, é possível perceber que o texto conseguiu se tornar, em muitas postagens, um símbolo nacional, conteúdo que consegue expressar vários aspectos dos fatos ocorridos trinta anos depois de sua divulgação – que fora feita, original e exclusivamente, no jornal da cidade mineira de Itabira (ROSA, 2000). Tal conexão foi tão abrangente que, além das centenas de publicações e menções do poema nas redes sociais, a mensagem chegou a veicular em meios de comunicação tradicionais, como no encerramento do telejornal “Jornal Hoje” (GLOBO, 2015), do dia 17 de novembro de 2015.

As discussões apresentadas neste artigo se baseiam na análise de trinta publicações audiovisuais do texto poético postadas no *YouTube* entre 16/11/2015 e 01/07/2019<sup>25</sup>. Já a escolha pela plataforma se justifica por ser um ambiente em que a linguagem verbal precisa se adaptar ao audiovisual, fornecendo-nos novas práticas de comunicação e possibilidades de verificar a importância dada às palavras na disponibilização dos conteúdos digitais, e também a veiculação de conteúdos poéticos. Além disso, é um espaço de incentivo à cidadania e à cultura da participação (VAN DIJCK, 2016, p. 119-122), ou seja, um campo rico e aberto a pesquisas empíricas sobre as interações humanas digitais na atualidade.

---

1 Publicado originalmente em dezembro de 1983, na 58ª edição do jornal Cometa Itabirano, da cidade de Itabira (MG), e inédito em livros do autor (ROSA, 2000, p.110), o poema ganhou projeção nacional a partir do rompimento da barragem contendo rejeitos químicos de minério de ferro no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), em cinco de novembro de 2014. O histórico completo pode ser conferido em DELAGE (2020).

2 A relação dos vídeos pode ser conferida em Delage (2020, p.161). Os detalhes importantes para este artigo serão citados ao longo do texto.

## 2 I ASPECTOS DA SEMIÓTICA E PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO

A Lógica ou Semiótica peirceana defende que toda e qualquer interação entre organismos ou máquinas e o mundo à sua volta são realizadas por meio de signos, representações de objetos existentes ou imaginários que são assimilados e interpretados segundo as características fornecidas pelo próprio signo. Dessa forma, estamos permanentemente vinculados a processos de semiose, que se constituem através da “[...] cooperação de três sujeitos, como um signo, seu objeto e seu interpretante, essa influência tri- relativa não sendo de forma alguma resolvível em ações entre pares.” (PEIRCE, 1931-58, 5.484, tradução nossa)<sup>3</sup>. As tríades formadas conduzem o raciocínio humano, atuando na base para a formação de qualquer pensamento e expressão através da linguagem.

De uma forma geral, o signo *Lira Itabirana* apresenta-se como um representante do objeto *Crimes ambientais relacionados a locais de exploração mineral pela empresa Vale em Minas Gerais* desde o início de sua circulação na Internet, em novembro de 2015 (GONÇALVES, 2015). Como interpretantes, encontramos o texto como um meio pelo qual os interagentes - atores que atuam no processo de comunicação no qual estão inseridos (Primo, 2005) - expressam sentimentos como indignação, revolta, tristeza, inconformismo com o fato, fascínio com a precisão da mensagem em relação à tragédia, como forma informativa de destacar a contaminação do rio e das perdas humanas, como material para atuação artística ou para promoção de campanhas sociais, políticas e ambientais. E, ainda, a ideia de que o poema seria uma profecia de Drummond, pois previra o desastre que aconteceria décadas mais tarde.

Percebe-se que uma mesma base informativa e representativa pôde resultar em diversos efeitos significados. Isto porque alguns aspectos do processo mental influenciam na constituição da semiose em cada mente interpretadora. Antes de ser lido, um texto se apresenta, para a mente interpretadora, como um *representâmen*, aquilo que representa algo antes de efetivar a representação em si, que é o signo (PEIRCE, 2005, p. 61, CP 2.273). Para esta conversão, estabelecem-se, na consciência, **associações de ideias** (PEIRCE, 1931-58, 5.307) que agem por princípios de semelhança (qualidades similares) e de contiguidade (relações efetivas) que estão nas memórias já cristalizadas na **experiência colateral** do intérprete – as experiências anteriores e conhecimentos previamente assimilados (PEIRCE, 2005, p. 161, CP 8.179). Além disso, há a interferência da **percepção** que possibilita o acesso a partes do objeto dinâmico; ao serem captadas pela mente interpretadora, definem o que será representado na semiose - o(s) objeto(s) imediato(s) do processo de significação. Esses fatores que envolvem a fruição individual são decisivos para estimular o raciocínio e os interpretantes gerados neste trâmite cognitivo, concretizando-se o processo de significação e o de formação de novos conteúdos.

Os aspectos como os elementos se apresentam aos sentidos humanos - o vínculo que

3 “[...] a cooperation of **three** subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in any way resolvable into actions between pairs.”

mantêm com os fatores externos à semiose – interferem na coesão de tríade e influenciam a apreensão dos fenômenos (experiências comunicativas). Eles são percebidos e processados pela consciência através de três aspectos: suas qualidades gerais, os sentimentos que despertam ou as indeterminações que suscitam; suas características existenciais, as sensações perceptíveis e as particularidades que revelam; ou sua regularidade conceitual, as generalizações que propiciam e os hábitos interpretativos calcados em padrões pré-concebidos. Estes estratos são denominados, respectivamente, como **Primeiridade**, **Secundidade** e **Terceiridade**, constituindo as categorias cenopitagóricas de Peirce, a base estrutural da fenomenologia proposta pelo lógico.

Um dos pilares deste pensamento é a complementariedade entre as categorias, seguindo a base matemática que as nomeia: signos da primeira categoria vão constituir signos da segunda, que podem evoluir para signos do último patamar possível – este englobando, em si, as outras duas categorias. Segundo Buczyńska-Garewicz (1971, p. 2-4), este é um dos preceitos básicos do processo semiótico, chamado **fundação**. Além dele, ainda atuam a **irreducibilidade** (a semiose não pode ser constituída somente por dois elementos, visto que a mediação é consequência da relação com os outros dois elementos); a **determinação** (o signo que alcança a Terceiridade se define por si só, e influencia os aspectos de Secundidade e de Primeiridade que venham a se destacar no signo em processos posteriores; a Secundidade age da mesma maneira sobre a Primeiridade); e a **coexistência** das categorias (todas podem atuar ao mesmo tempo em um signo, alternando a proeminência, de acordo com fatores extrínsecos à representação).

A relação entre os elementos e as categorias é responsável por fomentar as conexões e garantir a continuidade do processamento das informações até que se atinja um nível desejável de razoabilidade em cada situação significativa. Dela resultam as dez classes possíveis de signos encontrados nos fenômenos, explicitados na Gramática Especulativa de Peirce, um dos ramos da sua teoria semiótica. Segundo ele, “Sua tarefa é determinar o que deve ser verdadeiro quanto ao *representâmen* utilizado por toda inteligência científica a fim de que possam incorporar um *significado* qualquer.” (PEIRCE, 2005, p. 46, CP 2.229). Em outras palavras, ela demonstra as tendências sîgnicas baseadas nas características presentes na natureza dos *representâmens* disponíveis (qualissignos, sinssignos e legissignos), no vínculo que estes estabelecem com seus objetos (ícones, índices e símbolos) e a tendência interpretativa propiciada pelas combinações anteriores (gerando signos remáticos, dicentes ou argumentativos).

Somente um tipo de signo tende a permitir uma interpretação comum e lógica a diversos intérpretes: aquele que apresenta todos os elementos na esfera da Terceiridade (caracterizado como legissigno simbólico argumentativo). Este tipo de signo é considerado genuíno, pois aglutinou em si todas as outras categorias, estabelecendo um padrão normal de representação que, ao ser compartilhado, pode gerar entendimento mútuo, de efeito significado padronizado. Contudo, as outras nove classes peirceanas mantêm algum grau

de particularidade e abertura na interpretação, que se apresenta quando, no momento da semiose, “[...] a trajetória se interrompe e o nível atingido é suficiente para preencher a função que o signo está apto a cumprir.” (SANTAELLA, 2000, p. 87).

Na base das semioses degeradas, está a classificação do signo em relação ao seu objeto. Ícones são signos que concentram qualidades e caracteres que podem denotar diversos objetos. Eles apresentam subníveis de acordo com os graus de semelhanças que compartilham com um determinado objeto, sendo uma **imagem** (apresentando qualidades simples), um **diagrama** (analogias entre as partes que constituem os dois elementos semióticos) ou uma **metáfora** (paralelismo de ideias entre eles). Já os índices vinculam a representação a materialidades que caracterizam determinado objeto, especificamente; e os **símbolos** estabelecem conexões imateriais, convenções criadas pelo pensamento de forma a direcionar o efeito significado para uma ideia comum, universalmente inteligível a respeito do objeto.

Em termos práticos, “[...] através de sua análise pode-se investigar as potencialidades e limitações da forma pela qual o signo representa seu objeto.” (JUNGK, 2011, p. 126), sendo, pois, uma das fontes de construção dos materiais comunicativos. Entender como elas se constituem nas ocorrências semióticas podem indicar como os signos poéticos prontos, como frases, músicas, poemas, resultam em tantos efeitos significados, não só como ideias, mas também em questões de sensibilidade e influência real. Como é possível se surpreender com um novo olhar sobre um objeto (artístico ou não), ou atualizar informações num discurso já conhecido? Supõe-se que o fluxo semiótico pode auxiliar a destrinchar a questão.

### 3 | A DEGENERESCÊNCIA SÍGNICA

Os processos relacionados a formas de comunicação humana tendem ao patamar genuíno, gerados por operações conscientes (PEIRCE, 1931-58, 5.441) a partir da independência material e física para desenvolver-se como raciocínio lógico. É o estágio em que todas as mentes interpretadoras chegariam a um mesmo efeito significado de uma representação. Entretanto, esse grau de inteligibilidade demanda uma conjunção muito específica e coesa na formação triádica, não tendo influência de qualquer fator externo que se manifeste ao longo do processos de significação (PEIRCE, 2005, p.63, CP 2.274). Quando esta interfere, promove-se as ações de degenerescência sígnica, elos diádicos por onde se desestabiliza a composição triádica signo – objeto – interpretante e interrompe o encaminhamento do signo como uma resolução completamente lógica, possível de entendimento comum.

Pensemos a partir do nosso objeto de estudo. Um texto poético como signo de uma representação carrega consigo seu *status* de legissigno, produto cultural padronizado e, portanto, percebido de forma convencional pela sociedade. Além disso, possui uma

conjuntura específica de criação, de referencialidade e intenções comunicativas originárias. Entretanto, o curso das semioses em que se inserem e para outras mentes interpretadoras, podem ressaltar diferentes aspectos qualitativos e existenciais, incorporando-se e influenciando a sua constituição no processo semiótico, abrindo caminhos interpretativos e de continuidade do entendimento da mensagem.

O estudo de Buczyńska-Garewicz (1971) apresenta uma elucidação pertinente sobre as relações intrasemióticas possíveis entre as categorias sígnicas. Considerando que a mente humana trabalha a partir de associações de ideias, experiências colaterais, percepções dos mais variados tipos simultaneamente, sua análise parte da ideia peirceana de que

Um signo deve ser interpretado por outro signo. No entanto, existem outras formas de interpretação, as quais degeneram o signo. Além disso, todo significado vivo é sempre uma combinação dos diversos níveis de interpretação. (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 11, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Diferentemente da tendência natural de observar o fluxo semiótico da Primeiridade para a Terceiridade (perspectiva da fundação), a análise da degenerescência é proposta a partir das possibilidades de retrocesso da complexidade sígnica (determinação), ou seja, da terceira para a primeira categoria. Seguindo esta lógica, e buscando facilitar o que Peirce escrevera sobre o assunto, a semiótica ponderou sobre as três possibilidades de retrocesso a categorias inferiores – uma a partir da Secundidade (pois esta só pode retroceder em um nível) e duas da Terceiridade (segundo a mesma lógica de níveis anteriores), reforçando a premissa de que a Primeiridade é degenerada por sua própria natureza (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p.7).

Em relação às resultantes de processos não genuínos, ou seja, aos tipos de tríades propostos por Peirce (1931-58, 1.473), a autora alertou que uma tríade monadicamente degenerada pode ser considerada uma ideia puramente teórica, visto que “Seria a conexão totalmente incidental de três elementos, privados de qualquer senso geral ou persistência.” (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 9, tradução nossa)<sup>5</sup>. Portanto, somente os outros dois tipos são perceptíveis no mundo das representações, pois possuem um mínimo de regularidade para que o processo ainda se constitua como uma semiose. Como a tríade genuína apresenta harmonia completa entre seus elementos, as formas de degenerescência são encontradas em tríades diadicamente degeneradas.

A pesquisadora deixa claro que, nessa esfera da representação, estamos em patamares onde não há significado formalizado, ou seja, algo que tenha caráter racional, que possa ser transposto em linguagem ou memorizado - avanços pertencentes à Terceiridade. As díades formadas por ícones e índices, por exemplo, “Para funcionarem

4 “A sign has to be interpreted by another sign. However, there are some other ways of interpretation too, but they degenerate the sign. Furthermore, every living meaning is always a combination of the diverse levels of interpretation.”

5 “It would be the fully incidental connection of three whichever elements, deprived of any general sense or any persistence.”

como signos, precisam do sistema de interpretação que deve ser um sistema de símbolos.” (BUCZYŃSKA- GAREWICZ, 1971, p.10, tradução nossa)<sup>6</sup>. Seus interpretantes, emocional e energético, “São resultados extrínsecos, sem momentos intrínsecos de uma tríade [...]” (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 11, tradução nossa)<sup>7</sup>, diferentemente do seu interpretante lógico intelectual, internalizado na mente decodificadora. Em seu resultado possível ou evidente da representação do objeto, mas não assimilado pelo pensamento – signos remáticos ou dicentes - o objeto não teria alcançado, também, um caráter puramente sógnico, mental, mantendo brechas com a materialidade e escopos possíveis externos ao campo intelectualivo (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 13).

É válido abrirmos um parêntese nesta questão. Nos escritos de Peirce (193-58, 1.538; 3.360), enfatiza-se que o objeto ideal de um signo também deve apresentar caráter sógnico. Ao se transformar em representação, abandona outras características que poderiam lhe fornecer mais possibilidades, uma maior abrangência de significados. Daí a pertinência da degenerescência em processos de significação, quando é possível estabelecer novas relações entre os elementos da tríade, complementar informações, ampliar os conhecimentos fornecidos pelo signo – embora este tenda a se fixar num único interpretante, em seu estabelecimento final como hábito ou crença.

Sobre esta questão, também é possível um olhar baseado em aspectos quantitativos, os quais explicariam como pode haver tantos interpretantes a partir de um mesmo signo (ou conteúdo verbal, nos casos da comunicação poética). Na visão de Lorena Filho; Pimenta (2008, p.3), “Na semiótica de Charles S. Peirce, diz-se que um signo é tão degenerado quanto maior o número de qualidades compartilhadas com seu objeto dinâmico.”, evidenciando que o foco da abertura e da indefinição possibilitado pela ação da degenerescência está na quantidade de meios de se acessar o que está sendo representado. Já o signo genuíno age com uma limitação desse acesso, sendo “[...] capaz de gerar um mesmo interpretante no maior número possível de mentes interpretadoras. Para tanto, é necessário que esse signo seja codificado culturalmente.” (LORENA FILHO; PIMENTA, 2008, p. 3). Tendo em vista a complexidade em se atingir tal intento, mesmo o símbolo pode degenerar- se, seja quando há preponderância de semelhanças, seja quando há aspectos formais específicos reproduzidos no signo.

Finalizando a abordagem teórica dada ao assunto, ao destacar que “Um signo degenerado combina em si mesmo pensamento abstrato com intuição e experiência.” (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p.14, tradução nossa)<sup>8</sup>, encontramos o cerne da questão que buscamos entender - como uma obra poética já constituída, padronizada, estabelecida de forma genuína, pode perder sua complexidade por influência de aspectos particulares e gerais dos níveis de representação anteriores, ou seja, tornar-se degenerada

---

6 “For functioning as signs the need the system of interpretation hick must be a system of symbols.”

7 “They are extrinsics results, no intrinsics moments of a triad.”

8 “A degenerate sign combines in itself abstract thought with intuition and experience.”

e ser utilizada para novos fins, novos contextos. A afirmação também vai ao encontro da característica que Poyares (1983) destaca nas obras poéticas como um tipo de comunicação total, capaz de envolver as diversas esferas de representação, e até mesmo explicar certo *status* romântico do mundo da representação (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 15). Ainda que os textos poéticos sejam constituídos por signos com tendências genuínas, como as palavras (que permitem a compreensão simultânea de um maior número de pessoas), assumem graus de degenerescência quando vistos como uma totalidade, estimulam a mente do leitor a interpretar suas conexões e apropriar-se do conteúdo como algo útil ou significativo para si.

Devido a suas formas degeneradas um signo é capaz de apelar aos nossos sentidos, de produzir nossas percepções, de determinar nossas ações, assim como gerar nossos pensamentos. É claro que não pode funcionar sem o envolvimento do nosso intelecto; o raciocínio é um momento indispensável de todo processo semiótico, pois é o ato de mediar da própria representação. Sem a razão da semiose, ou seja, o processo de representação, é impossível. Assim, o raciocínio é a essência da semiose, entretanto, na maioria das vezes, a semiose intelectual é misturada com outros atos da mente humana. (BUCZYŃSKA-GAREWICZ, 1971, p. 14, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Entende-se que, nos ambientes multicódigos de interação, várias frentes possibilitam ações de degenerescências sígnicas, embora haja genuinidades evidentes, como as que conduzem a própria interação com as plataformas, por exemplo. Segundo Pimenta (2016, p. 107), “[...] a comunicação digital estaria propiciando uma aproximação entre signos e objetos, reduzindo a diferença entre eles.”. Para o pesquisador, ao possibilitar o acesso de mais semelhanças, proximidades estéticas, qualidades e sensações nos compartilhamentos em rede, há uma ampliação de aspectos da Secundidade e da Primeiridade nos processos de representação digitais, os quais influenciam, diretamente, a esfera lógica das interações na Internet.

#### 4 | DEGENERESCÊNCIAS COM O POEMA LIRA ITABIRANA NO YOUTUBE

Ao estabelecer relação direta com o rompimento da barragem do Fundão (Mariana/MG), em novembro de 2015, nas redes digitais, *Lira Itabirana* constituiu diversos processos de degenerescência sígnica, pois revelou novos aspectos do objeto dinâmico e da representação anteriormente consolidada pelo contexto em que fora escrito, em 1983. Sendo um conteúdo poético, por apresentar-se como uma mensagem indeterminada e explicitamente aberta a interpretações variadas, pôde ser percebido como um *representâmen* adequado para as consequências negativas da exploração mineral pela empresa Vale

---

9 “Due to its degenerate forms a sign is able to appeal to our feelings, to produce our perceptions, to determinate de actions, as well as, to rise our thoughts. Of course, it cannot function without the involvement of our intellect; the reasoning is an indispensable moment of every semiotic process, because it is the act of mediating representation itself. Without reason semioses, i.e., the process of interpretation, is impossible. So, reasoning is the essence of semioses, nevertheless, in the most part, intellectual semioses is mixed with the other acts of human mind.”

(interpretante lógico originário de décadas antes). Os diversos objetos imediatos (mentais) que surgiram a partir do conhecimento do texto, de seu histórico e das questões envolvidas com o fato - devastação, perdas humanas, prejuízos ambientais – resultaram em processos semióticos com signos interpretantes variadas, as quais se refletem na diversidade de publicações encontradas nas redes digitais, particularmente nas da plataforma YouTube.

Na relação signo - objeto, é possível encontrar os dois tipos de símbolos degenerados: quando o poema assume um aspecto **singular**, sendo veiculado como forma de expressão pessoal do interagente, ou **abstrato**, transformando-se em uma descrição do rompimento, haja vista que o objeto dinâmico em sua criação era outro, mas que pôde ser atrelado ao fato atual. Já índices e ícones podem ser observados de forma conceitual, pois as peculiaridades dos signos textuais poéticos não permitem a legitimidade destes conceitos. Os índices seriam encontrados nas representações com ênfases em particularidades do objeto ao qual se refere (PEIRCE, 1931-58, 2.283), degenerando a semiose por focar aspectos que necessitam do vínculo existencial para efetivar a interpretação. Já como ícones, o texto (ou menção a partes deste) se comportaria como representante de aspectos qualitativos e gerais a diversos objetos, não se estabelecendo exclusivamente ao objeto definido. Ou seja, a relação com o que estaria sendo representado (os crimes ambientais em Mariana e Brumadinho) não seria percebida, mas estaria intrínseca ao processo como uma mera possibilidade futura, em aberto como novas significações a partir do signo.

As estratégias aplicadas e as questões operacionais para a realização da pesquisa – como o acesso livre a conteúdos - indicaram ser adequada a utilização de publicações da plataforma *YouTube* para a análise pretendida. A arquitetura deste *site*, que também tem atuação como rede social (VAN DICK, 2016, p. 119), oferece diversas características que se apresentam nas ações comunicativas da atualidade, como a hibridização dos formatos (som, imagem, texto), a utilização das ferramentas digitais interativas (curtir, comentar, compartilhar) e a diversidade de conteúdos para a rede. É um ambiente com grande potencial para observações sobre as incorporações de conteúdos poéticos em plataformas multicódigos, a convergência explícita dos meios e a descoberta de atitudes inéditas na comunicação do século XXI.

Ainda que haja uma evidente predominância visual, não só no YouTube como em toda a Internet, a escolha desta plataforma também possibilita apresentar questões acerca do posicionamento do texto como parte fundamental do envio de informações transmitidas nas redes (SANTAELLA, 2007, p. 88) e, ainda, busca saciar a curiosidade de que, em um ambiente cuja missão explícita o ideal de liberdade de expressão<sup>1013</sup>, os *youtubers* se apropriam de conteúdos pré-existent, tradicionais, analógicos ou mesmo digitais para estabelecer interações comunicativas com os pares, após moldá-los conforme seu repertório particular e seu domínio das técnicas propiciadas pela rede.

---

10 “Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo”, consta na página Sobre, com informações gerais sobre a plataforma.

A partir da pesquisa direta utilizando a ferramenta interna do próprio site, ao procurar o termo “Lira Itabirana”, reuniram-se 30 vídeos, 19 após o primeiro rompimento, em 2015, e 11 conteúdos após Brumadinho, em 2019. São produções que veiculam testemunhos e denúncias das consequências dos rompimentos, material para angariar fundos de apoio às vítimas, reproduções de vídeos de complexos midiáticos, trabalhos acadêmicos e escolares, interpretações artísticas, músicas e divulgação do poema. Tendo em vista a extensão dos dados agrupados na ação, o material julgado importante para o entendimento do raciocínio aqui exposto será apresentado nos parágrafos a seguir - outras vertentes de análise podem ser conferidas em Delage (2020).

Para analisar os caminhos particulares adotados nas publicações do YouTube, é válido dividir as mentes interpretadoras do signo em dois grupos: a dos *youtubers*, que produziram os vídeos, e a dos espectadores do material. Para os primeiros, o texto se estabeleceu como signo genuíno, derivado de “[...] associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto.” (PEIRCE, 2005, p. 52, CP 2.249). Ou seja, exigiu que o raciocínio trabalhasse com elementos metafóricos e qualitativos e estabelecesse conexões com particularidades que se destacaram no objeto representado. E, ao inseri-la em um produto audiovisual, a mensagem atingiu uma significação mental simbólica em relação ao objeto, representando o fato segundo o interpretante resultante dos processos individuais de cognição. Contudo, ainda com aspectos de degenerescências sígnicas - por influência das ferramentas digitais utilizadas, ou mesmo pela sua própria constituição como obra aberta (ECO, 1991).

Nestas mentes interpretadoras, podemos indicar os signos encontrados como **símbolos singulares**, aqueles que utilizam o poema como forma de expressão pessoal do interagente em relação ao objeto, e **abstratos**, em que a mensagem se insere como descrição do fato, conteúdo que representa os crimes ambientais, seus antecedentes e suas consequências. É perceptível que o primeiro tipo reforça o caráter sentimental que o poema apresenta, enquanto o segundo faz uma conexão existencial entre a signo e o objeto, incluindo, na representação, os aspectos indiciais atribuídos (não legítimos, mas relacionais)<sup>11</sup>.

Já para o público espectador, segundo grupo de mentes interpretadoras dos conteúdos selecionados, podem-se estabelecer tanto signos genuínos quanto degenerados em relação ao objeto. No momento de contato com o signo, fatores como a experiência colateral com os elementos da semiose (leitura de texto, conhecimentos sobre o poema e sobre o objeto a que se refere), as associações por similaridade que o signo pode suscitar na memória (correspondências com qualidades entre signo e possíveis objetos)

---

11 Tal postura se confirma nas características de uma descrição por Santaella (2013, p. 295): “[...] textos descritivos, ficcionais ou não, são informativos, mas não assertivos e representam seu objeto com referência à sua existência concreta.”. Ou seja, ele se torna um signo que pretende, através do elemento convencional (o texto, as palavras) apresentar qualidades de um objeto, detalhes inicialmente perceptíveis pelos sentidos (inclusive a imaginação, neste caso, como *sentido interior*) do que se busca representar.

e a percepção do que está sendo representado no produto audiovisual vão influenciar o processo e determinar como se estabelecerá (ou não) na mente interpretadora.

Vale destacar que a alusão aos versos e ao poema podem ser imperceptíveis para alguns interagentes. Por isso, há importância em se definir como o signo poético se insere no conteúdo e quais outros elementos e formatos informativos atuarão como incentivadores na relação que se quer efetivar – eles podem fortalecer vínculos entre signo e objeto ou promover o oposto, aberturas interpretativas que darão maior liberdade e imprevisibilidade na interpretação da mensagem.

No YouTube, não encontramos só a linguagem verbal isolada em uma publicação (como em materiais impressos), visto sua ênfase em produtos audiovisuais. Nas ocorrências de Lira Itabirana nesta rede social, o texto se apresenta recitado e/ou escrito, ambas as situações em conjunto com imagem e outros sons diversos (não necessariamente simultâneos), reforçando ou complementando a mensagem poética. Percebe-se que os sistemas de linguagem que complementam o conteúdo são decisivos na atualização da mensagem na plataforma, indicando caminhos perceptivos e relacionais inseridos nas publicações, explorando ou restringindo a abertura e indeterminação natural deste tipo de texto.

Verifica-se que, quando os vídeos apresentam ou referenciam qualquer relação imagética do poema com os crimes ambientais em Mariana ou Brumadinho, o patamar simbólico e a genuinidade sónica na representação destes objetos são alcançados mais facilmente, visto que se promovem a conexão intelectual aliada a particularidades visuais, direcionam a assimilação das demais informações. Existe, ainda, a influência visual dos próprios versos do poema em sua forma escrita, quando estes servem de legenda para as imagens do fato. Sua convencionalidade reforça a percepção dos demais aspectos que compõem a produção, indicando efeitos significados mentais mais diretos entre as palavras, as imagens e os sons. Conforme explica Santaella (2013, p. 384),

A poesia é uma cápsula condensada de matrizes sonora, visual e verbal. No caso da poesia visual, entretanto, a ênfase no visual pode chegar ao limite da perda de relevo do aspecto sonoro das palavras porque a própria palavra se impõe na sua natureza de imagem até o ponto de quase se transformar em linguagem visual com leves reminiscências do verbal.

Quando são inseridos outros tipos de materiais imagéticos na publicação, mas a relação com o objeto dinâmico (os crimes ambientais) está explícita em outros campos da interface (no título da postagem ou no espaço *Descrição*), ainda assim o poema poderá ser entendido como representante legítimo da ideia imagética do fato, da experiência que a mente interpretadora traz para o processo de significação do poema no audiovisual. Entretanto, importa-nos destacar que a atuação proeminente da Secundidade nestes casos (SANTAELLA, 2013, p. 384) incentiva semioses com maior grau de degenerescência, ampliando as possibilidades de transformação de Lira Itabirana em signos qualitativos e

vagos, sem relações exclusivas ou conclusivas com os crimes ambientais ocorridos nos últimos anos.

Na verdade, as relações icônicas tendem a potencializar-se quando o poema é incorporado à produção exclusivamente como som. Além de o som transmitir interferências e outras informações do ambiente que podem não ter a ver com o signo, a fala se perde no ar, não se fixa na imaginação – daí a dificuldade maior de se estabelecer conexão entre poema e rompimento nos vídeos em que o texto narrado não se vincula à imagem ou palavra que relacionam os elementos citados, de forma a determinar a semiose. A ênfase ou o destaque da linguagem sonora contribui, também, para a atuação efetiva de iconicidades, uma vez que esta matriz se relaciona diretamente a características da Primeiridade peirceana (SANTAELLA, 2013, p.19).

Entende-se não ser possível encontrar índices genuínos em nosso objeto de pesquisa, visto que o texto não emerge dos fatos, mas da relação de interpretação de mentes com olhar poético sobre as qualidades que ressaltam e merecem ser descritas. Entretanto, a percepção das palavras *Rio Doce*, *Vale*, *Dívidas*, *Estatais*, *Multinacionais*, *exportamos*, *ferro* fazem referência direta ao objeto dinâmico, de forma que, em vídeos nos quais tal correspondência seja complementada por imagens ou sons afins, o poema pode posicionar-se como tal, visto que “Um Índice é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto.” (PEIRCE, 2005, p. 52, CP 2.248).

Na análise realizada, verificou-se que a posição do poema no conteúdo não é uma influência decisiva no patamar sógnico do poema – há uma dependência maior em relação a associações de ideias, experiência colateral e da percepção dos elementos que completarão a semiose. Tanto nos vídeos em que o poema compõe a produção como mensagem principal quanto nas que ele é informação adicional (com ou sem destaque), a referência pode vir transformar-se em símbolo. Nestes casos, a percepção das qualidades metafóricas do signo se associa à representação indicial do objeto (ainda que esta seja uma representação indireta, editada ou digitalmente constituída), atingindo um estágio de correspondência mental e genuína entre elas. O inverso deste processo ocorre nos casos em que a relação com os crimes ambientais não é perceptível, decodificada em meio aos outros dados disponíveis. Ele se torna um ícone desta representação – tem caráter sógnico, mas não é, necessariamente, um signo (podendo ser considerado um *representâmen* somente, algo que possa vir a representar alguma coisa).

Observou-se, ainda, que a indicação dos objetos representados no Título e na Descrição das publicações são fontes para amplificar as potencialidades genuínas da representação. Sendo constituídos por conteúdos exclusivamente verbais (e também hipertextuais, no espaço da Descrição), sua percepção complementa o vídeo como indicações de características que se relacionam à produção e, preferencialmente, devem ser levadas em conta no processamento mental do signo. Claro que não é o que acontece em todos os casos, visto que a iconicidade textual e certo grau de indeterminação,

proposital ou não, também atuam nestes espaços. Inclusive, o campo Descrição pode não ser observado pelo espectador, ocorrendo a mesma situação dos conteúdos sem qualquer menção ao objeto dinâmico – formando ícones. Mas, sendo percebido e utilizado de forma consciente pelo *youtuber* (para generalizar a interpretação), há maiores chances de que o poema se concretize como símbolo do fato descrito.

## 5 | CONCLUSÃO

Com base nos pontos abordados, conclui-se que as referências à Lira Itabirana nas produções audiovisuais no YouTube (e, por que não dizer, nas redes sociais como um todo, haja vista similaridade dos conteúdos publicados) flutuaram entre dois extremos: não sendo perceptíveis (decodificada em meio aos outros dados disponíveis), permanecem como ícones – podendo ser considerado um *representâmen*, algo que possa vir a representar alguma coisa futuramente; se perceptível, mas sem vinculação com os rompimentos, geram índices degenerados – semioses que se atentam para particularidades apresentadas nos conteúdos, mas que não progridem para o entendimento mental da relação entre texto e o fato. Por fim, sendo integrado a imagens do crime ambiental e funcionando como sua descrição, escrita ou sonora, transformam-se em símbolo – a percepção das qualidades metafóricas do signo se associam à representação indicial do objeto (ainda que esta seja uma representação indireta, editada ou digitalmente constituída), criando uma correspondência mental e genuína entre elas.

Confirmou-se que *Lira Itabirana*, assim como outros conteúdos poéticos, podem transitar entre posturas icônicas ou simbólicas em relação a objetos em comum para a sociedade. Isto porque sua representação pode atingir à Terceiridade, apoiando-se em fatores semióticos (associação de ideias, experiência colateral, percepção) e digitais (como a complementação através de outros formatos e elementos disponíveis na plataforma YouTube), ao mesmo tempo em que mantém aberturas qualitativas da Primeiridade e influências particulares da Secundidade que se manifesta em cada momento perceptivo.

Mesmo assim, a propagabilidade que a obra poética teve nas redes digitais como um todo nos faz considerar que a participação de *Lira Itabirana* nas produções a tornou essencialmente simbólica para os interagentes brasileiros. Sua constituição sgnica – baseada nos preceitos de fundação, determinação, irredutibilidade e coexistência entre as categorias – apresenta-se desde o início dos compartilhamentos digitais, acionando sistemas de símbolos não somente literários, mas temáticos e sociais, os quais influenciam diretamente na sua interpretação mental tanto para os interagentes quanto para os usuários espectadores. Suas ocorrências icônicas também se utilizam desta base genuína para significar (BUCZYŃSKA- GAREWICZ, 1971, p. 10).

Acreditamos, assim, ter encontrado evidências de que os conteúdos poéticos adotam caminhos digitais e semióticos eficazes para tornarem-se representantes de objetos

relevantes para toda a sociedade. Contudo, é praticamente impossível determinar todas as possibilidades, pois o signo, ainda presente e estimulante, vai permanecer influenciando outras semioses. Aliados a ferramentas e inovações técnicas disponíveis nos ambientes multicódigos, permitem a construção de materiais expressivos por qualquer interagente que as domine, abrindo espaço para novos processos interpretativos que podem ampliar ou restringir os caminhos perceptivos gerados pela relação do texto (signo) com a realidade ao qual representa (objeto), para si e para outros interagentes do conteúdo.

## REFERÊNCIAS

BUCZYNSKA-GAREWICZ, Hanna. **The degenerate sign**. In: Stuttgart: Semiosis, 1971.

DELAGE, Ana P. F. Guedes. **Semioses poéticas em ambientes multicódigos: o fenômeno comunicacional a partir de Lira Itabirana**, de Carlos Drummond de Andrade. 2020. 165 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jsui/handle/ufjf/12264>. Acesso em: 05. mar. 2021.

GONÇALVES, Marcus Fabiano. Marcus Fabiano Gonçalves escreve sobre “Lira Itabirana”, poema de Drummond que circulou amplamente desde o crime da Samarco em Mariana. **Modo de Usar & Co. revista de poesia e outras textualidades conscientes**, 24. Nov. 2015c. Disponível em: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2015/11/marcus-fabiano-goncalves-escreve-sobre.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Globo Comunicação e Participações S.A. **Poesia de Carlos Drummond de Andrade descreve a importância do Rio Doce**, Rio de Janeiro, 17.nov. 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4614788/>. Acesso em: 02 fev. 2016.

JUNGK, Isabel. A relevância da estrutura signica das palavras para o pensamento. **Revista Eletrônica de Filosofia São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo**, São Paulo, v. 8, nº. 2, p. 120-133, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pragmatismo>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LORENA FILHO, Dimas T. de; PIMENTA, Francisco J. Paoliello. Por que degenerar? A degenerescência signica como alternativa para construção de novas interfaces gráficas para a Internet. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0020-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Ambientes Multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Electronic edition reproducing Vols. I-VI [HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul (Eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935]; Vols. VII-VIII [BURKS, A. W. (Ed.). Same publisher, 1958. Charlottesville: Intelelex Corporation, 1931- 1935.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica** Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

POYARES, Walter Ramos. **Falo, logo sou**. O fenômeno humano da comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Agir - Universidade de Brasília, 1983.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. IN: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP08\\_primo.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_primo.pdf). Acesso em: 18 mai. 2018.

ROSA, Angela Maria Vaz Sampaio. **Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O Cometa Itabirano**. 2000. 226 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Ática, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. In: **MATRIZES** / Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, 2007. Ano 1, n. 1, p.75-96, jul./dez. 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

VAN DIJCK, José. YouTube: el vínculo íntimo entre la televisión y “compartir” videos. **La cultura de la conectividad: Una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. p. 183-216.